

## 4.1. Céu na terra.

Benfica, bairro afastado no subúrbio de Lisboa, ao “norte da cidade onde a cidade acaba”<sup>1</sup>, surge nos relatos cronísticos com força e vitalidade, ocupando a memória do narrador das crônicas logo no início das colaborações de António Lobo Antunes com a imprensa. Benfica surge colorida, vibrante, gloriosa. É onde tudo começa para o cronista, a origem e a fonte. Em uma de suas crônicas recentes, o cronista afirma: “durante muito tempo julguei que o mundo começava no sítio onde morei desde que nasci”<sup>2</sup>. Para o cronista Lobo Antunes, quando menino seu mundo estava contido “naquela casa, naquele jardim, naqueles cheiros”<sup>3</sup>. Sair de Benfica corresponde, na cronística de Lobo Antunes, a ter abandonado o céu na terra.

Benfica é o primeiro cenário explorado nas crônicas – tema da *primeira* crônica do escritor, “Elogio do Subúrbio” –, e certamente o *único* cenário que importa ao cronista uma vez que foi o espaço de sua aprendizagem original, o lugar de onde parte a trajetória que o levará, anos depois, a ser o escritor que é. Quando o narrador recobra Benfica em suas crônicas, essa Benfica idílica é onde descobre a religião, e é onde se apaixona pela primeira vez. É onde está a escola, o clube de patinação, as primeiras amizades. É nessa Benfica vivaz que descreve em suas crônicas, em que os cães latem dias inteiros sem parar, que vivem os personagens mágicos de sua infância. A tarde é atravessa pelos gritos altos das mães, que alcançam “as cegonhas no cume das árvores mais altas”<sup>4</sup> e colorem os “crepúsculos eternos”<sup>5</sup>.

Nessa Benfica idílica das crônicas, somente as noites rivalizavam a felicidade do menino Lobo Antunes já que “ao começar a escurecer abandonava [a rua] a contragosto”<sup>6</sup>, chamado pela sua mãe, tem que abandonar a oficina de

<sup>1</sup> LOBO ANTUNES, António. “Estrada de Benfica”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 426.

<sup>2</sup> LOBO ANTUNES, António. “O começo do mundo”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 234.

<sup>3</sup> Idem. Idem.

<sup>4</sup> LOBO ANTUNES, António. “Elogio do Subúrbio”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 15.

<sup>5</sup> Idem. Idem.

<sup>6</sup> LOBO ANTUNES, António. “Reparação e elogio de Frutoso França”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 192.

sapateiro do senhor Florindo, “esconso minúsculo, negríssimo, a cheirar a cola e vomitado, com um aparelho de rádio numa prateleira alta”<sup>7</sup> onde seu melhor amigo àquela altura, o senhor Florindo, “martelava protectores rodeado de cegos de óculos escuros, sentados em banquinhos de pau, partilhando entre si o garraão de vinho”<sup>8</sup>. Nada fascinava mais o menino Lobo Antunes que ficar “a ouvir as conversas dos cegos acerca do tempo em que não usavam óculos escuros”<sup>9</sup>. Seu mundo era para fora da casa, para a rua e para o céu azul.

Em “Elogio ao Subúrbio”, texto fundacional da Benfca idílica das crônicas, o narrador enumera descrições desse lugar mítico onde o menino Lobo Antunes *creceu*. Ele começa a crônica assim: “cresci nos subúrbios de Lisboa, em Benfca, então quintinhas, travessas, casas baixas”<sup>10</sup>. E segue, relatando que creceu

junto ao castelito das Portas que nos separava da Venda Nova e da Estrada Militar, num país cujos postos fronteiriços eram a drogaria do senhor Jardim, a mercearia do Careca, a pastelaria do senhor Madureira e a capelista Havaneza do senhor Silvino<sup>11</sup>.

O cronista creceu ali, “entre o senhor Paulo que consertava com guitas e caniços as asas dos pardais, e os Ferra-o-Bico cuja tia fugiu com um cigano e lia a sina nas praias”<sup>12</sup>. O coração doce do bairro, para o menino Lobo Antunes, era a Pastelaria Paraíso de Benfca, onde “os meus irmãos e eu tínhamos conta aberta para bolos e sorvetes”<sup>13</sup>.

O cronista sente que, enquanto crecia, Benfca lhe bastava: espaço completo, pleno, acolhedor, que o abarcava e o motivava, e onde o menino Lobo Antunes, “um miúdo ruço”<sup>14</sup>, que passava seus dias “morto de amores pela mulher do Sandokan”<sup>15</sup>, vivia livre nos vastos “domínios”<sup>16</sup> de seus pais, na casa “entre a oficina de sapateiro do senhor Florindo e a carvoaria que vendia briquetes

<sup>7</sup> Idem. P 189.

<sup>8</sup> Idem. Idem.

<sup>9</sup> Idem. P 190.

<sup>10</sup> LOBO ANTUNES, António. “Elogio do Subúrbio”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 15.

<sup>11</sup> Idem. Idem.

<sup>12</sup> Idem. Idem.

<sup>13</sup> LOBO ANTUNES, António. “O Paraíso”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008.p 32.

<sup>14</sup> LOBO ANTUNES, António. “Elogio do Subúrbio”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 17.

<sup>15</sup> Idem. Idem.

<sup>16</sup> LOBO ANTUNES, António. “Na volta cá os espero”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 123.

e vinho tinto habitava por um corvo de asas aparadas a insultar o mundo da serradura do chão”<sup>17</sup>, mas também caminhando livre por suas “adjacências”<sup>18</sup>: “Travessa dos Arneiros, Travessa do Vintém das Escolas, Rua Ernesto da Silva, Calçada do Tojal”<sup>19</sup>, lugares que conhecia com a palma de suas mãos, e de onde escrutava troços de conversas, tentava desvendar curioso as formas além das cortinas.

Esse território, seu *domínio*, era povoado por personagens coloridos, que cresciam para além das limitações que tinham por conta da imaginação do menino Lobo Antunes. Além dos cegos, aposentados da “fábrica de malhas a beber o garraão de vinho”<sup>20</sup> na companhia do senhor Florindo, existia “a dona Maria Salgado, pequenina, magra, sempre de luto, transportava a Sagrada Família numa caixa”<sup>21</sup>, “o senhor Florentino, moço de fretes”<sup>22</sup>, “o sacristão da igreja de Benfica, o senhor José, notável na entrega das galhetas”<sup>23</sup>, “o tio João Paço de Arcos, reformado da Carris”<sup>24</sup>, “o senhor Carlos, vendedor de passarinhos em gaiolas”<sup>25</sup>, que passava as tardes “a conversar com as janelas fechadas”<sup>26</sup>, e os lendários “bêbados da Adega dos Ossos, de vinho querelante, em discussões circulares, acorados lado a lado na berma do passeio como pardais no fio do telefone”<sup>27</sup>. Todos fascinantes para o menino Lobo Antunes, e personagens que aparecem em várias crônicas, jamais como protagonistas, mas sempre como peças importantes do *cenário* de sua meninice.

Quando o cronista retorna à Benfica no *tempo presente* de suas crônicas, é principalmente dessas personagens que sente falta. É a ausência deles que distancia ainda mais a Benfica de hoje, em que “ergueram prédios no lugar das

<sup>17</sup> LOBO ANTUNES, António. “Ontem, às três da tarde”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 25.

<sup>18</sup> Idem. Idem.

<sup>19</sup> Idem. Idem.

<sup>20</sup> LOBO ANTUNES, António. “Na volta cá os espero”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 123

<sup>21</sup> LOBO ANTUNES, António. “Elogio do Subúrbio”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 15.

<sup>22</sup> LOBO ANTUNES, António. “Na volta cá os espero”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 123.

<sup>23</sup> LOBO ANTUNES, António. “A crônica que não consegui escrever”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 109.

<sup>24</sup> LOBO ANTUNES, António. “Na volta cá os espero”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 123.

<sup>25</sup> Idem. Idem.

<sup>26</sup> LOBO ANTUNES, António. “A crônica que não consegui escrever”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 109.

<sup>27</sup> Idem. Idem.

casas”<sup>28</sup>, da *sua* Benfica, que irá recobrar no restante de suas crônicas. O cronista escreve: “hoje, se vou a Benfica não encontro Benfica”<sup>29</sup> pois os “pavões calaram-se, nenhuma cegonha na palmeira dos Correios”<sup>30</sup> e “o senhor Silvino, o senhor Florindo e o senhor Jardim morreram”<sup>31</sup>. O cronista passeia pelas ruas da Benfica de hoje. Atônito, resiste a desolação suspeitando que

que por baixo destes edifícios de cinco e seis e sete e oito e nove andares, num ponto qualquer sob marquises e sucursais de banco, o senhor Paulo ainda conserta, com guitas e caniços, as asas dos pardais, a dona Maria Salgado ainda trota de vivenda em vivenda com a Sagrada Família na sua redoma embaciada, o Lafaiete e o Jaurés jogam virinhas na Calçada do Tojal cercados de vasos de manjerico e madrinhas de chinelos<sup>32</sup>.

O cronista sente falta da maneira como via os adultos quando menino, quando eram fonte de surpresa. Conforme envelhece, consterna o menino Lobo Antunes a tristeza mineral que encontra neles. A idade vai tirando os escudos, segundo o cronista vai aos poucos erodindo a pele fresca até que a velhice finalmente chega. Lobo Antunes define assim a condição de ser velho em uma de suas crônicas: velho, para ele, é ser “um menino cujo envelope se gastou”<sup>33</sup>. Em outra crônica, diz que sente em todo velho “um cheiro inacabado de menino”<sup>34</sup>. Para o cronista “o problema da criança é que se tornam adultos”<sup>35</sup>. Sempre que essa tristeza inerente à ser adulto ataca o cronista durante a escrita ele recomenda a si mesmo escrever no papel a frase-lembrete “olhos cheios de infância, anda”<sup>36</sup> já que, ao nomeá-la no papel, “assim como assim talvez ajude a viver”<sup>37</sup>.

Contudo, e mais importante, ir a Benfica “como um cão à procura de um osso que julga ter enterrado”<sup>38</sup> e após um tempo reparar que “afinal de contas não

<sup>28</sup> LOBO ANTUNES, António. “Elogio do Subúrbio”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 17.

<sup>29</sup> Idem. Idem.

<sup>30</sup> Idem. Idem.

<sup>31</sup> Idem. Idem.

<sup>32</sup> Idem. Idem.

<sup>33</sup> LOBO ANTUNES, António. “A Velhice”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 45.

<sup>34</sup> LOBO ANTUNES, António. “Eu, há séculos”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 47.

<sup>35</sup> LOBO ANTUNES, António. “Vacilantes rostos do passado”. <http://visao.sapo.pt/vacilantes-rostos-do-passado=f545038.21> de janeiro de 2010.

<sup>36</sup> LOBO ANTUNES, António. “Olhos cheios de infância”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 239

<sup>37</sup> Idem. Idem.

<sup>38</sup> LOBO ANTUNES, António. “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 270.

existia osso nenhum”<sup>39</sup>, não é apenas buscar sua própria infância, mas sim tentar ainda fabricar a partir de sua memória o escudo que os adultos eram para o menino. A tristeza dos adultos realça a alegria da criança. A estreiteza dos adultos amplia o mundo elástico da imaginação infantil. A seriedade dos adultos torna especial a magia da lógica do pensamento das crianças. É por isso que ainda que não existam evidências das personagens de sua infância na Benfica de hoje, o cronista suspeita que ainda estão ali, operando suas vidas debaixo dos prédios.

Em “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”, uma de suas crônicas mais bonitas sobre Benfica, o cronista observa que sempre que vai jantar a casa de seus pais

saio de lá com a infância atravessada: Benfica mudou, a minha mãe deixou de ter 30 anos, posso fumar sem que ninguém me proíba, quando vem a travessa para a mesa nunca são fatias recheadas, não encontro os meus irmãos de pijama, com os cabelos loiros molhados do banho.<sup>40</sup>

Ao terminar o jantar, passeia pelo bairro e não conhece nem as novas pessoas nem os novos prédios, “o Paraíso levou sumiço, a Havaneza evaporou-se, não sei da dona Maria José contrabandista, não sei do maluco dos passarinhos”<sup>41</sup>. Para o cronista “a infância atravessada é pior que uma espinha: a gente engole bolas de pão e não passa”<sup>42</sup>. Após um tempo caminhando, entra no carro e fica ali “a ver o muro do jardim, o portão com um ananás de cada lado, as janelas trancadas, a copa escura da acácia porque é noite”<sup>43</sup>. E conclui: “Se calhar é sempre noite quando a gente cresce”<sup>44</sup>.

E então, esperando ao volante, começam a vir ao cronista imagens do passado. Ele não parte: “fico no automóvel à espera que a minha mãe me chame e sabendo que não me chama porque julga que fui embora”<sup>45</sup>. O cronista deseja ter novamente seus pijamas escolhidos para ele; deseja ter os cabelos loiros molhados no banho. E cansado de esperar o grito de sua mãe que não chega, escreve que “realmente fui-me embora, para sempre”<sup>46</sup>. Uma parte diz a verdade, já que sua mãe tem agora mais trinta anos, não é mais a jovem enérgica que lhe arrancava da

<sup>39</sup> Idem. Idem.

<sup>40</sup> Idem. P 269.

<sup>41</sup> Idem. Idem.

<sup>42</sup> Idem. P 270.

<sup>43</sup> Idem Idem.

<sup>44</sup> Idem. P 271.

<sup>45</sup> Idem. Idem.

<sup>46</sup> Idem. Idem.

rua para jantar, e muito menos se encontra na companhia de seu melhor amigo, o senhor Florindo. Contudo, em sua imaginação, a cada vez que vai embora de Benfica, cada vez mais longe de Benfica, mais ele a tem dentro de si. Por isso não se cansa de voltar em busca do osso, que não existe mais, e, no entanto, ainda assim “procura até arderem os olhos”<sup>47</sup> por meio de suas crônicas.

---

<sup>47</sup> Idem. P 270.

## 4.2. Cavalos ao mar.

Há momento em que irrompe nas crônicas de Lobo Antunes a experiência da Guerra Colonial em África. Ele evita a lembrança, foge dela. No entanto, a guerra ataca o cronista de súbito, “regressa como um vômito”<sup>48</sup>, irrompe muitas vezes sem sequer se anunciar. Torna-se um constrangimento, invadem o assunto da crônica, e o cronista entende que elas não são o espaço para “coisas horríveis, absurdas, cruéis”<sup>49</sup>, que as crônicas não foram feitas para “escrever com o sangue dos meus mortos”<sup>50</sup>, e só resta ao cronista pedir desculpas “aos que se interessam pelo que escrevo”<sup>51</sup>. O cronista se justifica: “ia dar-vos uma crônica chamada Emília e uma noites: pensei nela, tinha-a mais ou menos na cabeça (...) achava que vocês iam gostar e todavia não consigo”<sup>52</sup>. O cronista, após um tempo sem ser importunado pelas lembranças da guerra, “julgava-se livre”<sup>53</sup>. Porém, “sucede que de repente, ao principiar a escrever, Angola me veio com toda força ao corpo”<sup>54</sup>, e então é arrastado para outro lugar. Quando acontece isso, o cronista se descreve dessa maneira: “não sou um escritor agora: sou um oficial do exército português”<sup>55</sup>.

Lobo Antunes sai de Benfca, do mundo idílico de Benfca, para a guerra. Nas crônicas a guerra representa mais do que a violência absoluta, mais do que o contato com a sujeira e com a loucura, um *aprendizado*. É na guerra que aprende a camaradagem, que aprende o valor da amizade. É na guerra que recupera um senso imediato de vida. Como o cronista descreve, “ao cabo de meses e meses de guerra ganhava-se a simplicidade directa dos bichos”<sup>56</sup> e um ser humano torna-se

<sup>48</sup> LOBO ANTUNES, António. “078902630RH+”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 111.

<sup>49</sup> LOBO ANTUNES, António. “Emília e uma noites”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 218.

<sup>50</sup> LOBO ANTUNES, António. “078902630RH+”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 112.

<sup>51</sup> LOBO ANTUNES, António. “Emília e uma noites”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 218.

<sup>52</sup> Idem. Idem.

<sup>53</sup> Idem. P 217.

<sup>54</sup> Idem. Idem.

<sup>55</sup> LOBO ANTUNES, António. “078902630RH+”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 112.

<sup>56</sup> LOBO ANTUNES, António. “Há surpresas assim”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 290.

“um animal que um pôr-do-sol interessava mais do que uma ideia<sup>57</sup>”. A guerra, segundo o cronista, torna o mundo mais simples: “nem reflexões, nem sonhos, nem problemas de consciências: apenas a gana de durar à superfície dos dias<sup>58</sup>. E laços fortes surgem entre os combatentes pois o cronista “não lutava por nada a não ser para que os que sobejavam da companhia permanecessem vivos e animais como eu<sup>59</sup>”.

Ao contrário do lugar-comum do pensamento militarista, a guerra ensina ao combatente valor do medo, da covardia. O cronista pondera, “Se calhar não fui especialmente corajoso em Angola: o meu capitão garantia que era preferível sair de cabeça baixa que com os pés para frente<sup>60</sup>. A coragem transformava seres humanos em “duzentos e cinquenta gramas de cinza<sup>61</sup> que os comandantes se apressam logo “a mandar de volta à família<sup>62</sup>. Cada dia era uma vitória porque significava, segundo o cronista, que “os caixões não nos apanharam, não pregaram neles a medalha com o número mecanográfico e o grupo sanguíneo que trazíamos ao pescoço<sup>63</sup>. Em Angola tudo estava resumido à bonificações: “uma arma apreendida tantos pontos, um canhão sem recuo tantos pontos, um inimigo tantos pontos<sup>64</sup>. Quando conseguiam um certo número de pontos “mudavam o batalhão para um lugar mais calmo<sup>65</sup>”.

Contudo, a guerra estava sempre ao encaço. Quando mudavam de lugar “a última camioneta da coluna levava a caixa fechada<sup>66</sup> e dentro dela o cronista recorda que, para tornar a logística mais simples para o exercício, “transportavam os nossos próprios caixões<sup>67</sup>. Assim, quando morriam soldados da companhia, era tudo mais prático pois “punha-se uma gravata e um blusão aos rapazes e metiam-nos terra abaixo para falarem da Pátria às lagartas<sup>68</sup>. E o cronista, do seu

<sup>57</sup> Idem. Idem.

<sup>58</sup> Idem. Idem.

<sup>59</sup> Idem. Idem.

<sup>60</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crónica dedicada ao meu amigo Michel Audiard e escrita por nós dois”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 215.

<sup>61</sup> Idem. Idem.

<sup>62</sup> Idem. Idem.

<sup>63</sup> LOBO ANTUNES, António. “Bom ano novo, senhor Antunes”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 272.

<sup>64</sup> LOBO ANTUNES, António. “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 174.

<sup>65</sup> Idem. Idem.

<sup>66</sup> LOBO ANTUNES, António. “Bom ano novo, senhor Antunes”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 270.

<sup>67</sup> Idem. Idem.

<sup>68</sup> Idem. Idem.



*tempo presente*, conclui que “não estava preparado para aquilo, era novo demais, se calhar é-se sempre novo demais”<sup>69</sup>.

Há na crónica de António Lobo Antunes um sentimento de sequestro diante da Guerra. Em uma crônica chamada “O bom filiado”, o cronista, ao passar de carro perto de Mafra, sente raiva. Ele relata que “ainda hoje me aborrece passar por Mafra”<sup>70</sup>, ainda que Mafra não tenha culpa de seu destino. Foi em Mafra e nos seus arredores que o cadete Lobo Antunes enfrentou “os primeiros meses da desgraça que me levou, em pacote de luxo, para tiros de África”<sup>71</sup>. Para o cronista, “foi o inverno mais horrível da minha vida, janeiro, fevereiro, março ao frio e à chuva entre o convento gelado a que chamavam Escola Prática de Infantaria”<sup>72</sup>, lugar onde ensinaram ao cadete Lobo Antunes, recém-arrancado do idílio de Benfica para ir dar tiros em Angola, as “ladainhas da Pátria”<sup>73</sup>. Era instruído por homens “tão triste quanto nós”<sup>74</sup> que repetiam para os cadetes, como um mantra, que “o soldado português é tão bom como os melhores”<sup>75</sup>.

Quando terminou seu preparatório o cadete Lobo Antunes vai de licença para casa “dois ou três dias antes de partir para guerra”<sup>76</sup> e fecha-se “na casa de banho para não me ver chorar”<sup>77</sup>. Na mesa, evita a conversa da guerra com sua família. E então se apresenta para embarcar:

Um comboio de tropas demora o século de uma noite a chegar de Abrantes a Lisboa. E chovia. Pinheiros e pinheiros sob a chuva. Marchar militares no cais, discursos. Tremer sem febre. Tremer tanto sem febre.<sup>78</sup>

Parte para África e nunca regressa. Parte para Angola, mas nunca regressa. Quando retorna, e coloca seus pés de novo em solo português, percebe que já “tinha destruído tudo na minha vida, com morteiros, bazucas, granadas ofensivas

<sup>69</sup> LOBO ANTUNES, António. “Emília e uma noites”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 218.

<sup>70</sup> LOBO ANTUNES, António. “O bom filiado”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. 235.

<sup>71</sup> Idem. Idem.

<sup>72</sup> Idem. Idem.

<sup>73</sup> Idem. P 237.

<sup>74</sup> Idem. P 235.

<sup>75</sup> Idem. Idem.

<sup>76</sup> LOBO ANTUNES, António. “Olhos não transparente, da cor do musgo, nas árvores antigas”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 84.

<sup>77</sup> Idem. Idem.

<sup>78</sup> Idem. P 85.

e defensivas, G3, napalm, exfoliantes”<sup>79</sup>. Não há como regressar à vida anterior pois o cronista se olha no espelho e reconhece que “há tanta coisa em mim, tanta metralhadora, tanto morteiro”<sup>80</sup>. A guerra segue no corpo do cronista.

Mas não apenas o sopro cadavérico da guerra segue com o cronista. Em Angola, Lobo Antunes, “o médico branco”<sup>81</sup> também esteve diante da beleza, admirado com os “eucaliptos enormes”<sup>82</sup>, os “rios sem fim”<sup>83</sup> e “a noite sem luz de África onde a terra cheira com mais força”<sup>84</sup>. E o cronista se lembra “de centenas de mandris num morro e, no leste, de uma manadazita de elefantes trotando sob a avioneta”<sup>85</sup> e também, sobretudo, dos cheiros e da permanente exaltação dos sentidos”<sup>86</sup>.

O cronista, ainda que reconheça que “nas alturas mais difíceis de África em que tudo se embrulhava cá dentro, sem lágrimas para dor mais, depois das minas, das emboscadas, dos rapazes sem pernas”<sup>87</sup>, recobra como a beleza de Angola ajudava-o a recuperar, em seu desespero, “a casa dos meus pais, o poço, os degraus de pedra, a sombra da acácia, o retrato da minha mãe em nova de colar de pérolas”<sup>88</sup>. Em outra crônica, o narrador afirma que “a coisa mais bonita que vi até hoje foi Angola, e apesar da miséria e do horror da guerra continuo a gostar dela com um amor que não se extingue”<sup>89</sup>.

Em certos momentos enquanto trabalha em sua mesa de trabalho, o cronista escuta nomes antigos, “Marimba, Marimbaguengo, Mangando”<sup>90</sup>, e ao

<sup>79</sup> LOBO ANTUNES, António. “Herrn Antunes”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 100.

<sup>80</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crônica dedicada ao meu amigo Michel Audiard e escrita por nós dois”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 219.

<sup>81</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crônica para ser lida com acompanhamento de Kissanje”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 32.

<sup>82</sup> LOBO ANTUNES, António. “Zé” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 26.

<sup>83</sup> LOBO ANTUNES, António. “Retratos”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 162

<sup>84</sup> Idem. Idem.

<sup>85</sup> LOBO ANTUNES, António. “Onde a mulher teve um amor feliz é sua terra natal”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 273.

<sup>86</sup> Idem. Idem.

<sup>87</sup> LOBO ANTUNES, António. “No fundo do sofrimento uma janela aberta”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 325.

<sup>88</sup> Idem. Idem.

<sup>89</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crônica para ser lida com acompanhamento de Kissanje”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 31.

<sup>90</sup> LOBO ANTUNES, António. “Há surpresas assim”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 290.

escrevê-los no papel “uma enfiada de mangueiras estremece-me no sangue”<sup>91</sup>. E de súbito são

as palmeiras de Luanda dobradas sobre a água e os pássaros da baía ao longo dos telhados na esperança do regresso das traineiras de pesca, coisas que a gente vai amontoando, sem dar conta, em gavetas que julgava esquecidas.<sup>92</sup>

E então “os ruídos de África inundam a sala”<sup>93</sup> e a caneta vira uma bengala que o cronista ergue “às copas das mangueiras em que os morcegos se penduram todo o dia de cabeça para baixo”<sup>94</sup>. Com energia renovada, o cronista larga a fugir da mesa de trabalho “na direção do rio onde os olhos dos crocodilos dançam à flor do lodo à espera da imprevidência de um cabrito”<sup>95</sup>.

Imerso no *tempo presente* das crônicas, “reflectindo melhor”<sup>96</sup> os tempos de guerra, o cronista arrisca pensar foi feliz na guerra: “sofria-se lá como um cão, mas os anos adoçam tudo”<sup>97</sup>. O cronista pondera que “no meio da miséria e do horror havia momentos de um contentamento tão grande”<sup>98</sup>; contudo, é apenas quando está diante da lembrança da exaltação dos sentidos que consegue recobrar de seu tempo de cadete que seu veredicto sobre a guerra amacia. O restante de sua relação com a guerra é incômoda, recessiva. Quase envergonhada. Em uma crônica recente afirma: “não escrevi nenhum livro sobre a guerra”<sup>99</sup>. O que Lobo Antunes fez foi se limitar a “intercalar episódios laterais nos primeiros textos publicados”<sup>100</sup>, buscando assim se “libertar de episódios que me embaciavam a memória”<sup>101</sup>.

Apesar de se mostrar incomodado com seu envolvimento na guerra colonial, ele vê a memória da violência se dissipar no cenário contemporâneo com

---

<sup>91</sup> Idem. Idem.

<sup>92</sup> LOBO ANTUNES, António. “Noite de sexta-feira santa”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 294.

<sup>93</sup> LOBO ANTUNES, António. “Os computadores e eu”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 211.

<sup>94</sup> Idem. Idem.

<sup>95</sup> Idem. Idem.

<sup>96</sup> LOBO ANTUNES, António. “Lembras-te de mim?”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 218.

<sup>97</sup> Idem. Idem.

<sup>98</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crônica para ser lida com acompanhamento de Kissanje”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 33.

<sup>99</sup> LOBO ANTUNES, António. “Uma crônica ou lá o que é”. <http://visao.sapo.pt/uma-cronica-ou-la-o-que-e=f618972>. 25 de agosto de 2011.

<sup>100</sup> Idem.

<sup>101</sup> Idem.

o falecimento dos veteranos com pesar<sup>102</sup>. Lobo Antunes também se incomoda com a forma como a guerra é relatada no espaço público após três décadas de seu fim. Já em uma crônica antiga Lobo Antunes parece responder esse quadro de amnésia da Guerra Colonial. Nela, o cronista comenta que

lê-se que a guerra estava controlada em Angola: a guerra estar controlada era eu contar os mortos. Se calhar não foram muitos: para mim foram demais. Se calhar a guerra estar controlada tem que ver com os número reduzido de cadáveres: a merda é que eu os vi. Os conhecia. Costumava falar com eles, essas perdas insignificantes. Eu próprio sou uma perda insignificante a falar de perdas insignificantes.<sup>103</sup>

É na companhia dessas perdas insignificantes que António Lobo Antunes escreve seus textos. E é da amizade que tem com os veteranos de guerra que o cronista mais se orgulha em algumas de suas crônicas. Em um texto recente, o cronista lamenta o falecimento de um de seus camaradas, “palavra da qual só quem esteve na guerra compreende inteiramente o sentido”<sup>104</sup>. O cronista segue descrevendo sua relação com o amigo veterano de guerra, ponderando que “não é bem irmão, não é bem amigo, não é bem companheiro, não é bem cúmplice”<sup>105</sup> e sim “uma mistura disto tudo com raiva e esperança e desespero e medo e alegria e revolta e coragem e indignação e espanto, é uma mistura disto tudo com lágrimas escondidas”<sup>106</sup>.

Diante do seu camarada falecido, o cronista pensa que a “África ficou para sempre dentro de ti, a roer-te, a roer-te, e deu-te cabo da vida”<sup>107</sup>, e não conhece uma única pessoa “que tenha passado por aquele horror na qual não exista uma parte que se mata devagar, em silêncio, numa distração pungente que apenas os que passaram pela agonia sabem reconhecer”<sup>108</sup>. É a memória da guerra que os unem. Não apenas a violência que foram obrigados a cometer juntos por conta das “ladainhas da Pátria” que lhe obrigaram a dar importância, mas também pela

<sup>102</sup> Esse foi um dos motivos pelo qual Lobo Antunes publicou *D’este viver aqui neste papel descripto: cartas de Guerra*, em 2005. Por meio da publicação de suas cartas de guerra a sua noiva em Portugal, e nas cartas a descrição do que “ocorria em África”, Lobo Antunes despertou uma imensa polêmica nos jornais e revistas com pronunciamentos semi-oficiais do Ministério do Exército acusando Lobo Antunes de exagerar na violência nas cartas, de fazer ficção nelas.

<sup>103</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crônica dedicada ao meu amigo Michel Audiard e escrita por nós dois”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 219.

<sup>104</sup> LOBO ANTUNES, António. “Zé” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 25.

<sup>105</sup> Idem. Idem.

<sup>106</sup> Idem. Idem.

<sup>107</sup> Idem. Idem.

<sup>108</sup> Idem. P 26.

“metade que lá ficou para sempre”<sup>109</sup>, todos “os nossos projectos, a nossa alma manchada de sangue e de terra”<sup>110</sup>, e que ficarão em África para sempre.

O cronista é surpreendido quando pensa que está vivo, causa-lhe “espanto que nenhuma mina ou nenhum grupo do MPLA”<sup>111</sup> tenha apanhado ele como alguns de seus camaradas de guerra. Do silêncio de seu *tempo presente* o cronista sente os mortos de guerra – “aqui estão eles comigo, apesar de eu sozinho”<sup>112</sup> –, e tenta esquecê-los, se livrar deles e dessas memórias dolorosas. Porém “uma longa fila de mangueiras enormes, os crocodilos do rio Cambo, um leão que, no Leste, passou rente à viatura”<sup>113</sup>, e “os mil hectares de girassol na Baixa do Cassanje, em Angola”<sup>114</sup> que erguiam “a cabeça, uma à uma, em direção a nascente”<sup>115</sup>, e nessa balança de luz e sombra, guerra e paz, o cronista escreve, e escuta as vozes dos ginetes do passado, que se aproximam.

---

<sup>109</sup> Idem. P 27.

<sup>110</sup> Idem. P 27.

<sup>111</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crónica antiga que achei numa gaveta”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 115.

<sup>112</sup> LOBO ANTUNES, António. “Uma crónica ou lá o que é”. <http://visao.sapo.pt/uma-cronica-ou-la-o-que-e=f618972>. 25 de agosto de 2011.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crónica para ser lida com acompanhamento de Kissanje”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 31.

<sup>115</sup> Idem. P 31.

### 4.3. De mãos dadas.

O cronista, de seu *tempo presente*, divisa seu próprio passado e encontra a si mesmo menino, feliz e inocente, mergulhado em um tempo infinito – “durante séculos não me tornei adulto”<sup>116</sup> – de longuíssimos dias “repletos de surpresas, de mistérios, e de espantos”<sup>117</sup>. O cronista logo se anima com a energia que bafeja dessa lembrança, que lhe conforta. Na lembrança que visualiza, “sou um saloio, e não há montra de loja que não me encante, sobretudo lojinhas minúsculas de certos bairros, mercearias, roupas, brinquedos”<sup>118</sup>. E, ainda, recorda seus desejos: “apetece-me logo comprar vassouras, aipo, um macaco de corda, a camisa mais feia que descobri na montra”<sup>119</sup> pois “a beleza das coisas feias fascina-me”<sup>120</sup>, com “seu ar de desamparo, coitadas”<sup>121</sup>.

Comove o cronista ver *aquele* menino, andando e caminhando, “a contar as ondas, a medir versos com os dedos, poesias que julgava boas e não valiam um chavo”<sup>122</sup>. Livre de angustias e de preocupações, confiante, e invencível porque “nunca seria crescido”<sup>123</sup>, nunca seria refém da ação do tempo nem substituído por outra coisa ou entortado pelos anos. O cronista recorda que o menino Lobo Antunes pensava que a alegria lhe protegia de ser uma “pessoa crescida”, já que a infância acaba “quando nos tornamos tristes”<sup>124</sup>, e não havia espaço em sua vida para ser triste. Até mesmo quando vinha a temida noite e o escuro do quarto, combatia o medo que não o deixava dormir “povoando a minha insônia de personagens reais e inventadas”<sup>125</sup>, “sentando-as na borda da cama para falarem

<sup>116</sup> LOBO ANTUNES, António. “Eu, há séculos”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 49.

<sup>117</sup> LOBO ANTUNES, António. “Já escrevi isto amanhã”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 94.

<sup>118</sup> Idem. Idem.

<sup>119</sup> Idem. Idem.

<sup>120</sup> Idem. Idem.

<sup>121</sup> Idem. Idem.

<sup>122</sup> LOBO ANTUNES, António. “!”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 109.

<sup>123</sup> LOBO ANTUNES, António. “O Esquimó”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 82.

<sup>124</sup> LOBO ANTUNES, António. “As pessoas crescidas”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 59.

<sup>125</sup> LOBO ANTUNES, António. “Onde o artista se despede do respeitável público”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 152.

comigo”<sup>126</sup> e assim, recorda o cronista, tornarem-se cúmplices do menino Lobo Antunes e ajudarem-no a afugentar o medo e a angústia “com o dorso da mão”<sup>127</sup>.

Mas o cronista envelheceu, o que lhe parece um mistério. No entanto, ele sente alívio ao perceber que “em muitas regiões da minha vida permaneço um menino”<sup>128</sup>. Consegue manter algo do espanto e da admiração diante do mundo. O cronista, como *ele*, não pisa “os riscos que separam as pedras”<sup>129</sup> nas calçadas, e é capaz de ficar “horas a assistir ao avançar da luz do sol na parede”<sup>130</sup>. Não está de todo à deriva, e mesmo quando se pergunta o destino dos “cromos de actrizes de cinema e de jogadores de futebol”<sup>131</sup>, e quem lhe “tirou o Sandokan Soberano da Malásia da mesinha de cabeceira”<sup>132</sup>, e não sabe onde foram parar os “bichos de seda, as patas de chocolate, o anel com o emblema do Benfica”<sup>133</sup>, essas regiões em que continua sendo um menino acalantam-no.

Em muitas crônicas o narrador espanta-se com sua idade, com a duração de seu próprio corpo, em ter seu envelope de menino tão gasto, para retomar uma de suas descrições da velhice<sup>134</sup>. Não compreende o que “vê nos espelhos”<sup>135</sup> – “uma cara que não se assemelha à minha”<sup>136</sup>, aquela que verdadeiramente sente que possui –, e ter tanta idade já que tem “a certeza de que nasci hoje”<sup>137</sup>, de que não se passou tanto tempo assim, e não sabe como tem essa máscara “sob as pálpebras, e estas rugas, e este pescoço”<sup>138</sup>.

Quando repensa sua vida, e se vê menino, o cronista se admira ao notar “a quantidade de coisas que existem entre mim [menino] e meu futuro [o tempo presente]”<sup>139</sup>. Esse é o mistério que tenta solucionar, o instante que busca resgatar

<sup>126</sup> Idem. Idem.

<sup>127</sup> Idem. Idem.

<sup>128</sup> LOBO ANTUNES, António. “Da morte e outras ninharias”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 146.

<sup>129</sup> Idem. Idem.

<sup>130</sup> Idem. Idem.

<sup>131</sup> LOBO ANTUNES, António. “A gente os dois”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 311.

<sup>132</sup> Idem. Idem.

<sup>133</sup> Idem. Idem.

<sup>134</sup> LOBO ANTUNES, António. “A Velhice”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 45.

<sup>135</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crónica para aqueles que vão escrever”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 153.

<sup>136</sup> Idem. Idem.

<sup>137</sup> Idem. Idem.

<sup>138</sup> LOBO ANTUNES, António. “Chega uma altura”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 29.

<sup>139</sup> LOBO ANTUNES, António. “Já escrevi isto amanhã”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 93.

na rememoração: perceber o momento *exato* “quando se deixa de ser pequeno para se passar a ser crescido”<sup>140</sup>, quando acontece essa mudança. Não consegue precisar, e na solidão silenciosa o cronista lamenta que “há séculos que ninguém se lembra de me mandar lavar os dentes”<sup>141</sup>. E conclui que, apesar de não crer que o rosto que vê no espelho é o seu, o rosto que verdadeiramente possui, deve “ter crescido, se calhar cresci”<sup>142</sup>, e só lhe resta atravessar o restante dos dias “a olhar os meus retratos de criança como se olhasse um estranho”<sup>143</sup>.

No entanto, o que mais o cronista sente falta, mais até do que do corpo jovem, é da forma como *pensava* quando foi menino. Esse pensamento mágico, elástico, genioso, que faz com que o menino desafiasse a lógica dos “adultos feitos de palavras, bocas modelando sons perfeitos, inúteis”<sup>144</sup>, vivendo em sua cabeça um mundo “sem cópias, sem ditados, sem afluentes da margem direita do Tejo e dos outros conhecimentos inúteis que a Flash Gordon não serviam um pito nem nunca li que Batman os soubesse de cor”<sup>145</sup>. Vivendo uma existência “repleta de chocolates de leite com amêndoas e hamsters a pedalarem nas suas rodas em milhares de gaiola”<sup>146</sup> cujos domínios eram “Congo, Uruguai, Sudão, com bichos estranhos, e rainhas de perfil”<sup>147</sup>, e pudesse governar em paz sem que os adultos atrapalhassem seu governo. É dessa lógica infantil, inocente, que o cronista sente falta e busca experimentar de novo no ato da rememoração.

O cronista recorda que o menino Lobo Antunes, em seu pensamento mágico, sempre achou “que as paralelas não se encontravam porque tinham mais o que fazer”<sup>148</sup>. E isso bastava, essas soluções simples e inusitadas, pois o menino Lobo Antunes tinha coisas mais importantes a fazer. Seu maior desejo era estar em paz para poder “resolver as grandes questões das viagens interplanetárias, da

<sup>140</sup> LOBO ANTUNES, António. “As pessoas crescidas”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 59.

<sup>141</sup> Idem. P 60.

<sup>142</sup> Idem. P 61.

<sup>143</sup> LOBO ANTUNES, António. “A Velhice”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 43.

<sup>144</sup> LOBO ANTUNES, António. “Eu, há séculos”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 48.

<sup>145</sup> LOBO ANTUNES, António. “Quem salta no inferno cai no texto do céu”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 119.

<sup>146</sup> Idem. Idem.

<sup>147</sup> LOBO ANTUNES, António. “Sugestões para o lar”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 76.

<sup>148</sup> LOBO ANTUNES, António. “O Gordo e o Infinito”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 95.



magia ordenadora do mundo”<sup>149</sup>, e no tempo livre que tinha de suas governanças, para grande admiração de seus colegas de escola, acertar com o cuspe “gafanhotos a dois metros de distância”<sup>150</sup>.

Para esse menino Lobo Antunes recobrado pelo cronista os adultos, as pessoas crescidas “eram ignorantes”<sup>151</sup> e, pior, viviam “com tanta falta de sentido para as coisas essenciais”<sup>152</sup> que lhe causava consternação pois “nunca conheci nenhuma, por exemplo, que juntasse, como eu fazia, pirilampos numa caixa de fósforos para o caso de não haver electricidade”<sup>153</sup>. Ignorantes, estúpidos, pobres coitados, perdidos que perdiam seu precioso tempo com questões desimportantes e não essenciais, e quando falavam suas bocas modelando sons perfeitos, em um mundo de “tudo palavras”<sup>154</sup> e nenhuma verdade e magia, regrado por uma lógica absurda que ameaçava a paz do menino.

O cronista recorda que o menino, se estivesse no lugar dos adultos, faria tudo diferente: se usasse “calças compridas”<sup>155</sup> como eles moraria “radiante, numa constelação de cucos e de despertadores de lata”<sup>156</sup> e não viveria nesse mundo sem cor de “dinheiro, casas, mulheres, filhos, saúde”<sup>157</sup> que tornam os crescidos tão tristes, solitários e preocupados, constantemente, com essa mesma solidão que escolheram viver. O menino Lobo Antunes jamais estaria só, como os adultos, uma vez que, mesmo se “não tivesse mais ninguém”<sup>158</sup>, ele teria “o Flash Gordon, Mandrake, Tintim, Batman”<sup>159</sup>, que lhe pareciam muito melhores amigos “que os sujeitos com que privavam”<sup>160</sup> os adultos.

Quando as conversas dos crescidos causam-lhe aborrecimento, algo recorrente, o cronista recorda que o menino Lobo Antunes sonhava que “voltava-

<sup>149</sup> LOBO ANTUNES, António. “Quem salta no inferno cai no texto do céu”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 118.

<sup>150</sup> LOBO ANTUNES, António. “O Gordo e o Infinito”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 95.

<sup>151</sup> LOBO ANTUNES, António. “Quem salta no inferno cai no texto do céu”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 117

<sup>152</sup> Idem. Idem.

<sup>153</sup> Idem. Idem.

<sup>154</sup> LOBO ANTUNES, António. “Eu, há séculos”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 48.

<sup>155</sup> LOBO ANTUNES, António. “Na volta cá os espero”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 123.

<sup>156</sup> Idem. Idem.

<sup>157</sup> LOBO ANTUNES, António. “Quem salta no inferno cai no texto do céu”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 117.

<sup>158</sup> Idem. Idem.

<sup>159</sup> Idem. Idem.

<sup>160</sup> Idem. Idem.

lhes as costas, dava um pulinho, abria os braços e principiava a flutuar”<sup>161</sup> para longe deles. Quando as visitas em casa chegavam e as “senhoras que cheiravam imenso a perfume”<sup>162</sup> lhe chamavam de amoroso, que o menino achava o “cúmulo dos cúmulos”<sup>163</sup>, ele aborrecia-se porque era “um adjectivo que não me passaria pela cabeça aplicar a Batman”<sup>164</sup>. E sempre que se surpreendiam com algo que fazia, com risinhos de aprovação e gracejos, o menino Lobo Antunes lamentava ser “a existência de um miúdo”<sup>165</sup> tamanho “inferno de incompreensão”<sup>166</sup> por parte dos crescidos.

O cronista recorda que o menino Lobo Antunes sentia tristeza por aqueles que deixavam de ser crianças. No cinema e nas festas do bairro, ele desprezava os “velhos de 15 anos, já decrepitos, já de barba, já de calças compridas, que às vezes até bebiam cerveja e tinham licença para voltar para casa depois da meia-noite”<sup>167</sup>. Sentia que decaíam, que se tornavam mais estreitos, todos parecidos com seus pais na maneira de falar e se vestir. Porque para o menino Lobo Antunes envelhecer era uma decadência.

Em uma de suas crônicas sobre a infância, “As pessoas crescidas”, o cronista descreve a maneira como o menino Lobo Antunes classificava os adultos conforme crescia e podia começar a vê-las e entendê-las. A bela crônica começa assim: “As pessoas crescidas fui-as conhecendo de baixo para cima à medida que a minha idade ia subindo em centímetro, marcados na parede pelo lápis da minha mãe”<sup>168</sup>. É assim que seu conhecimentos dos crescidos avança. “Primeiro eram apenas sapatos, por vezes descobertos sob a cama, enormes, sem pés dentro”<sup>169</sup>. Depois, o menino foi tomando conhecimento “dos joelhos cobertos de fazenda ou de meias de vidro, formando ao redor da mesa debaixo da qual eu engatinhava uma paliçada que me impedia de fugir”<sup>170</sup>.

<sup>161</sup> LOBO ANTUNES, António. “Ó rosa arredonda a sala”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 142.

<sup>162</sup> LOBO ANTUNES, António. “Quem salta no inferno cai no texto do céu”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 117.

<sup>163</sup> Idem. Idem.

<sup>164</sup> Idem. Idem.

<sup>165</sup> Idem. P 119.

<sup>166</sup> Idem. Idem.

<sup>167</sup> LOBO ANTUNES, António. “Ó marreco olha o sonoro”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 245.

<sup>168</sup> LOBO ANTUNES, António. “As pessoas crescidas”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 59.

<sup>169</sup> Idem. Idem.

<sup>170</sup> Idem. Idem.

A seguir, “vieram as barrigas de onde a voz, a tosse e a autoridade saíam apesar do esforço inútil de suspensórios e de cintos”<sup>171</sup>, e “ao chegar à altura da toalha”<sup>172</sup> ele aprendeu “a distinguir os adultos uns dos outros pelos remédio entre o guardanapo e o copo: as gotas da avó, os xaropes do avô, as várias cores dos comprimidos das tias”<sup>173</sup>. Foi quando compreendeu que alguns crescidos “tinham o sorriso desmontável”<sup>174</sup>, e que pelas noites, antes de dormir, “tiravam as piadas da boca”<sup>175</sup> para guardá-las em “estojos de gengivas cor-de-rosa escondidas por trás do despertador nas manhãs de domingo”<sup>176</sup>.

O menino Lobo Antunes cresceu mais e “já capaz pelo meu tamanho de lhes olhar a cara”<sup>177</sup>. Foi uma decepção profunda, pois apreensivo se surpreendeu com a indiferença dos crescidos “perante as coisas verdadeiramente importantes no mundo”<sup>178</sup>. O cronista, então, enumera o que eram àquele momento as coisas mais importantes do mundo para o menino Lobo Antunes: “os bichos de seda”<sup>179</sup>, “os guarda-chuvas de chocolate”<sup>180</sup>, “coleccionar gafanhotos”<sup>181</sup> e “mastigar estearina”<sup>182</sup>. Essa impressão negativa dos adultos – seres perdidos e incapazes de apreciar as coisas boas – irá se manter por toda a vida do personagem António Lobo Antunes das crônicas.

O cronista do tempo presente, do *aqui* de onde escreve as crônicas, retoma uma dúvida que é recorrente, de diversas formas distintas, ao longo do arco da obra cronística: ele nunca percebeu “quando se deixa de ser pequeno para se passar a ser crescido”<sup>183</sup>. Na mesma crônica ele arrisca algumas hipóteses: seria “quando substituímos os guarda-chuvas de chocolates por bifés de tártaros”<sup>184</sup>, ou “quando começamos a gostar de tomar duche”<sup>185</sup>, possível ser “quando cessamos de ter medo do escuro”<sup>186</sup>. O cronista então se confessa incapaz de apontar o exato

---

<sup>171</sup> Idem. Idem.

<sup>172</sup> Idem. Idem.

<sup>173</sup> Idem. Idem.

<sup>174</sup> Idem. Idem.

<sup>175</sup> Idem. P 60.

<sup>176</sup> Idem. Idem.

<sup>177</sup> Idem. Idem.

<sup>178</sup> Idem. Idem.

<sup>179</sup> Idem. Idem.

<sup>180</sup> Idem. Idem.

<sup>181</sup> Idem. Idem.

<sup>182</sup> Idem. Idem.

<sup>183</sup> Idem. Idem.

<sup>184</sup> Idem. Idem.

<sup>185</sup> Idem. Idem.

<sup>186</sup> Idem. Idem.

momento dessa transformação. Contudo, tem uma certeza: seja qual for o evento que marque a virada de menino para crescido, a consequência é sempre a mesma: o cronista Lobo Antunes sabe que no instante que isso acontece, “nos tornamos tristes”<sup>187</sup>.

Passaram-se séculos e ele não se tornou adulto, escreve o cronista; e então tornou-se adulto. Mistério. No *momento presente*, nessa Lisboa fantasmal de onde visita o passado, o cronista pensa sobre sua própria vida solitária. Escreve que se tornou “um soneto de almanaque, uma folha seca num álbum, a água do solitário enferrujada”<sup>188</sup>. Diverte-se imaginando que não passará de “um velho catita, penteadinho, engomado”<sup>189</sup> em mais alguns anos, a passear pelas praças de Lisboa para poder se sentar em seus bancos e ter a companhia cúmplice de “dúzias, centenas, milhares, milhões de pombos”<sup>190</sup>. Quando os jovens vê-lo passar com dificuldades em algum lugar, escreve o cronista, pedirá que “não se incomodem, não se levantem”<sup>191</sup> de onde estiverem. Isso porque ele será “capaz de descer as escadas sem ajuda até vários palmos abaixo da terra”<sup>192</sup>.

E de mãos dadas com o menino Lobo Antunes que ele recobra por meio de imagens de sua memória, pelo uso de sua imaginação, o narrador descreve na crônica “Antes que anoiteça” uma série de pedidos a serem atendidos antes de sua última hora. Neles, o cronista quer que seu avô, seu avô eterno, desenhe para ele “um cavalo, eu monte no cavalo e vá embora daqui”<sup>193</sup>, e daí o cronista recobra sua infância inteira, os “pulos na cama”<sup>194</sup> e “fumar às escondidas”<sup>195</sup> no banheiro da casa, e ler o “Mundo das aventuras”<sup>196</sup>, fazer a proeza de “ser Cisco Kid e Mozart aos mesmo tempo”<sup>197</sup>. E segue a lista de desejos:

quero gelados do Santini, quero uma lanterna de pilhas no Natal, quero guarda-chuvas de chocolate (...), quero ser Sandokan Soberano da Malásia, quero usar calças compridas,

<sup>187</sup> Idem. Idem.

<sup>188</sup> LOBO ANTUNES, António. “Sugestões para o lar”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 77.

<sup>189</sup> LOBO ANTUNES, António. “Cuidado com o degrau”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 101.

<sup>190</sup> Idem. Idem.

<sup>191</sup> LOBO ANTUNES, António. “Assim como assim” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 190.

<sup>192</sup> Idem. Idem.

<sup>193</sup> LOBO ANTUNES, António. “Antes que anoiteça”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 375.

<sup>194</sup> Idem. Idem.

<sup>195</sup> Idem. Idem.

<sup>196</sup> Idem. Idem.

<sup>197</sup> Idem. Idem.

quero descer dos eléctricos em andamento, quero tocar todas as cornetas de plástico do mundo, quero uma caixa de sapatos cheia de bichos da seda.<sup>198</sup>

Mas o cronista quer, de todos os pedidos, um deles em especial. Ele quer mais tempo. Não para viver mais no mundo tolo dos adultos, com suas lógicas tristes; e nem para escrever mais “livros”, para exercer ainda mais a “arte de escrever romances” que tem justificado sua vida adulta. O que o cronista quer, *aqui* em seu *momento presente* de mãos dadas com o menino que imagina ter sido e que recobra para amaciar melhor seus longos dias, é mais tempo para “ganhar coragem e dizer aos meus pais que gosto muito deles”, poder aprender a dizer que gosta muito deles “antes que anoiteça senhores [leitores], antes que anoiteça para sempre”<sup>199</sup>, e juntos se tornem “apenas uma ínfima porção do mundo a vibrar em silêncio no universo tranquilo”<sup>200</sup>.

---

<sup>198</sup> Idem. Idem.

<sup>199</sup> Idem. Idem.

<sup>200</sup> LOBO ANTUNES, António. “Mishkenot Sha’ananim”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 121.

#### 4.4. Cadernos da floresta da sombra.

“Sei perfeitamente a data exacta”<sup>201</sup>, escreve o cronista, a data e a *hora*. E é por conta da decisão dessa data, *única*, que o escritor, ao menos o escritor que Lobo Antunes criou por meio de seu cronista, existe. Toda sua obra cronística pode ser resumida em uma história: “o menino acabou escritor”<sup>202</sup>. E essa obra gravita em redor de uma data, enquanto voltava “de eléctrico para Benfica, por altura do Calhariz”<sup>203</sup>, que veio ao cronista “a certeza fulminante do meu destino”<sup>204</sup>. O cronista recorda que a força daquela certeza, aquela evidência poderosa, “meteu medo”<sup>205</sup>. O menino mal sabia o que era necessário para suprir aquele destino, e que décadas depois ainda estaria buscando entender o que fez com que decidisse pela literatura em detrimento de todas as outras profissões, tentando desvendar ainda o mistério daquela data, o dia “22 de dezembro de 1955, às cinco horas da tarde”<sup>206</sup>. Dia único e irrepitível que se repete, como um mantra, em suas crônicas.

Um especial dia de trabalho, compondo um de seus livros, o cronista sentiu algo raro, uma emoção tão clara que quando aconteceu até duvidou dela. Foi mágico, ele escreve,

um momento único, de felicidade total, a sensação de ter atingido e de estar a viver no centro do mundo, em que tudo me era claro, de uma beleza indescritível, de uma harmonia absoluta.<sup>207</sup>

Comovido, porque “são momentos assim que persigo”<sup>208</sup>, o escritor se sente pleno. É por momentos assim que se tranca sozinho, que vive entravado diante de sua mesa de trabalho, batalhando e compondo o texto, imerso na difícil “arte de escrever um romance”. É por momentos assim que naquela data *única*, irrepitível,

<sup>201</sup> LOBO ANTUNES, António. “Epístola de Santo António Lobo Antunes aos leitorés”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 193.

<sup>202</sup> LOBO ANTUNES, António. “Antoninho cravo roxo”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 119.

<sup>203</sup> LOBO ANTUNES, António. “Retrato de um artista quando jovem – II”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 145.

<sup>204</sup> LOBO ANTUNES, António. “Epístola de Santo António Lobo Antunes aos leitorés”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 193.

<sup>205</sup> Idem. Idem.

<sup>206</sup> Idem. Idem.

<sup>207</sup> Idem. Idem.

<sup>208</sup> Idem. Idem.

e constantemente evocada, o menino António Lobo Antunes decidiu que seria escritor, e apenas escritor. No início ele mal sabia o que significava isso, pois quando veio a certeza de seu destino, o cronista recorda que o menino pensou que “nem sabia o que era ser escritor”<sup>209</sup> direito.

O cronista recorda como, mesmo ignorante do que seria uma vida de escritor, o menino Lobo Antunes ficou intrigado com esse chamado. De início, imaginou logo que “todos os escritores sem exceção se pareciam com Sandokan Soberano da Malásia”<sup>210</sup>, e seriam então “lindíssimos, morenos, de barba, olhos verdes e um rubi na testa a meio do turbante”<sup>211</sup>. Essa foi sua primeira grande dificuldade literária pois o “facto de ser loiro, de olho azul e sem rubi”<sup>212</sup> afastava-o daquela carreira antes mesmo de começá-la. Ele cogita então “esfregar o cabelo com a graxa de sapatos para escurecer as melenas”<sup>213</sup>, para assim ficar mais parecido com seu adorado Sandokan, “herói de então e agora”<sup>214</sup>, mas logo percebe que não era uma opção.

Há, porém, outra dificuldade maior que logo lhe vem em mente, recorda o cronista. Ser escritor entrava em conflito direto com outros interesses e talentos. Além do menino Lobo Antunes já se preparar para uma “carreira de génio do hóquei em patins”<sup>215</sup>, ele também hesitava entre “tornar-me o Homem Aranha ou o Fash Gordon”<sup>216</sup>, e seguir uma de “músculos e cacetadas”<sup>217</sup>. Preferia deles o Homem Aranha, “porque saltava prédios”<sup>218</sup>, e não lhe agradava “abandonar “as alegrias do Homem Aranha”<sup>219</sup> para ser escritor, esse ser “incapaz de saltar um prédio por mais pequeno que seja”<sup>220</sup>.

O menino, recorda o cronista, era um leitor ávido. Na crônica “Os meus livros”, o narrador relata que na Feira do Livro ele vai “direitinho como um fuso aos alfarrabistas, à procura dos livros que me coloriram a infância e não sei onde

<sup>209</sup> Idem. Idem.

<sup>210</sup> LOBO ANTUNES, António. “Retrato do artista quando jovem”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 237.

<sup>211</sup> Idem. Idem.

<sup>212</sup> Idem. Idem.

<sup>213</sup> Idem. Idem.

<sup>214</sup> Idem. Idem.

<sup>215</sup> LOBO ANTUNES, António. “Retrato de um artista quando jovem – II”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 145.

<sup>216</sup> Idem. Idem.

<sup>217</sup> Idem. Idem.

<sup>218</sup> Idem. Idem.

<sup>219</sup> Idem. P 147.

<sup>220</sup> Idem. P 147.

param”<sup>221</sup>. Esses são os amigos que se sentava a beira da cama do menino Lobo Antunes a ajudá-lo a afastar os medos da insônia: “Sandokan soberano da Malásia, A Mulher de Sandokan e o Tigre de Mompracém”<sup>222</sup>. Devorava *Emílio e os Detetives*, ciclo de romances de Erik Kastner; e também sabia de cor e salteado a série de relatos *As Aventuras de Dona Redonda*. “Qual Homero, qual Dante, qual Shakespeare”<sup>223</sup>, escreve o cronista, pois o que lhe apetecia mesmo era “o Capitão da Morte e o Piloto do Navio Fantasma”<sup>224</sup>. O cronista recorda que lia e relia esses livros “aos oito, nove, dez anos”<sup>225</sup>. São os livros que fomentaram a imaginação do escritor.

Quando saiu do bonde no dia mágico, antes de ir para casa foi direto “à mercearia do Careca comprar um caderno de papel almaço de trinta e cinco linhas”<sup>226</sup>. Depois o cronista recorda que o menino Lobo Antunes foi para casa agitado, subiu ao seu quarto, e entrou “de imediato imortalidade adentro com uma dúzia de quadras”<sup>227</sup>. No dia seguinte, satisfeito com sua estreia na literatura, ainda “expeliu uns sonetos” e não parou mais pois, o cronista recorda, “entre os doze e treze anos” ele cozinhou “uma dúzia de obras de vária índole, todas elas notáveis: novelas, odes, peças de teatro”<sup>228</sup>. Aos quatorze anos o menino Lobo Antunes “era um autor experiente”<sup>229</sup>. Anos mais tarde, quando descobriu “que existia uma diferença entre escrever bem e escrever mal”<sup>230</sup> e, depois, “que existia uma diferença ainda maior entre escrever bem e a obra de arte”<sup>231</sup>.

No entanto, a data mágica, o ano mágico de 1955, foi o ano da morte do avô do menino Lobo Antunes. As sentenças *meu avô morreu quando eu tinha doze anos e aos doze anos decidi ser escritor* são as mais repetidas em toda obra cronística do escritor. Elas aparecem exatas, precisas, sem qualquer mudança. E apenas uma vez, em uma ocasião, aparecem juntas. Na crônica “Osso”, o cronista relata que, após divagar por uma praia deserta onde uma tia tinha uma casa de

<sup>221</sup> LOBO ANTUNES, António. “Os meus livros” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 177.

<sup>222</sup> Idem. Idem.

<sup>223</sup> Idem. Idem.

<sup>224</sup> Idem. Idem.

<sup>225</sup> Idem. Idem.

<sup>226</sup> LOBO ANTUNES, António. “Retrato de um artista quando jovem – II”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 145.

<sup>227</sup> Idem. P 146.

<sup>228</sup> Idem. Idem.

<sup>229</sup> Idem. Idem.

<sup>230</sup> Idem. Idem.

<sup>231</sup> Idem. Idem.



veraneio, e pensando nas vozes de seus entes queridos, ele afirma que “aos doze anos, no ano em que meu avô morreu morrei, decidi ser escritor”<sup>232</sup>. Como afirma o cronista em outro texto, desde a morte do avô “não me aconteceu nada de importante”<sup>233</sup>.

Há dois avôs na obra cronística de António Lobo Antunes. Um deles, “centauro”<sup>234</sup> cercado de silêncio, de quem herdou sua surdez. O cronista recorda pouco desse avô, não lembra “de o ver rir, de o ver comer”<sup>235</sup>, “permanecia calado na varanda para a serra ou então lia o jornal”<sup>236</sup>, e “sua presença era uma silenciosa ausência”<sup>237</sup>. Esse avô, para o menino Lobo Antunes, era a “única coisa imutável num mundo onde até as árvores morriam”<sup>238</sup>. Esse é o avô mais velho, perto da morte, para dentro. Mas não foi assim sempre: ele foi *outro* avô antes, quando era eterno, o homem que “enquanto viveu foi a época mais feliz da minha vida”<sup>239</sup>.

“Acho que a coisa mais importante que me aconteceu na vida foi uma viagem de cerca de um mês, a Itália, com o meu avô”<sup>240</sup>, assim começa o relato do narrador da crônica “Um silêncio refulgente”. A crônica segue assim:

O meu avô guiava e eu sentado ao lado dele, com um volante de plástico, fingia que guiava também. O carro era um Nash encarnado. O meu volante de plástico tinha, ao centro, uma bola de borracha. Apertando a bola emitia um som que na minha fantasia era uma buzina. O barulho do motor arranjava-o com a boca, de forma que não havia dúvidas de ser eu quem conduzia o automóvel.<sup>241</sup>

O cronista recorda que “dias compridíssimos, destes que demoravam séculos a nascer”<sup>242</sup>, e fica admirado quando pensa que apenas “com um volante de plástico

<sup>232</sup> LOBO ANTUNES, António. “Osso”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 44.

<sup>233</sup> LOBO ANTUNES, António. “Um silêncio refulgente”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 257.

<sup>234</sup> LOBO ANTUNES, António. “O surdo”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 83.

<sup>235</sup> LOBO ANTUNES, António. “Não foi com certeza assim mas faz de conta”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 15.

<sup>236</sup> Idem. Idem.

<sup>237</sup> Idem. P 16.

<sup>238</sup> Idem. Idem.

<sup>239</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crônica de Natal”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 229.

<sup>240</sup> LOBO ANTUNES, António. “Um silêncio refulgente”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 257.

<sup>241</sup> Idem. Idem.

<sup>242</sup> Idem. P 258.

e uma buzina de borracha alcança-se num rufo Itália<sup>243</sup>. O objetivo da viagem era Pádua, “para a primeira comunhão na igreja do Santo com meu nome”. No trajeto até a cidade italiana, passaram por Saragoça, Barcelona, Paris, Berna, Veneza e Roma. De vez em quando, enquanto dirigia, o avô largava uma mão do volante e “fazia-me uma festa no pescoço”<sup>244</sup>. Ainda hoje, décadas depois, o cronista ainda “sente os dedos dele”<sup>245</sup>.

Quando em Pádua o avô tocou no túmulo do santo com a mão, reventou em lágrimas. O cronista recorda que foi “a única altura em que lhe vi os olhos cheios de lágrimas”<sup>246</sup>. E foi então que o avô se eternizou para o menino Lobo Antunes pois “deu-me um abraço, beijou-me, e nunca ninguém me abraçou e beijou como ele”<sup>247</sup>. O abraço eterno do avô eterno, “o momento de mais intenso amor de minha vida”<sup>248</sup>. É a *presença* desse abraço que lhe deu ao menino Lobo Antunes “a certeza de que nunca vou morrer”<sup>249</sup>. Foi seu escudo, o afeto do único crescido que menino Lobo Antunes jamais amou de verdade.

Quando soube que o avô eterno morreu o cronista recorda que “desatou numa tremedeira”<sup>250</sup>. Foi “a primeira pessoa que eu conhecia a morrer”<sup>251</sup>. No escritório dele encontrou “guardados por ordem numa gaveta, os meus desenhos infantis, os meus cadernos da escola, as cartas que escrevi, a prova da terceira classe que corri a oferecer-lhe, devidamente dedicada”<sup>252</sup>. Depois do enterro do avô o cronista recorda que seu pai “fechou-se no escritório e pôs Bach tão forte que se devia ouvir na Venezuela, ficou para ali horas a ensurdecer o mundo”<sup>253</sup>, e entendeu que “os pais estão entre nós e a morte”<sup>254</sup>. O cronista pondera que “se

<sup>243</sup> Idem. Idem.

<sup>244</sup> Idem. P 157.

<sup>245</sup> Idem. Idem.

<sup>246</sup> Idem. P 159.

<sup>247</sup> Idem. Idem.

<sup>248</sup> Idem. Idem.

<sup>249</sup> LOBO ANTUNES, António. “Osso”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 46.

<sup>250</sup> LOBO ANTUNES, António. “Eles, no jardim”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 16.

<sup>251</sup> Idem. Idem.

<sup>252</sup> ) LOBO ANTUNES, António. “Dia de Santo António”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 278.

<sup>253</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crônica da pomba branca”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 319.

<sup>254</sup> Idem. Idem.

calhar um homem só se torna homem depois de o pai morrer, homem no sentido mais profundo do termo”<sup>255</sup>.

A morte do avô do menino António Lobo Antunes foi o escudo do cronista retirado. “Venderam a casa, a família dispersou-se e os Natais acabaram”<sup>256</sup>, ele lamenta. Todo ano o Natal lhe dói porque “é uma época em que lembro ainda mais do meu avô”<sup>257</sup>. E ao ter seu escudo retirado, ao ter sua felicidade arrancada, o menino Lobo Antunes, voltando da escola, no silêncio absoluto de não ter mais seu avô eterno mas ter o calor de seu abraço, decide ser escritor. “De que zona, que região nasce o que redijo?”<sup>258</sup>, pergunta o cronista ao escritor, ao homem Lobo Antunes. A resposta não ele não tem, e aquelas que arrisca está sempre a trocá-las, a mudá-las. Mas o propósito, após ler todo seu arco cronístico, é claro: criar um halo que o proteja do frio do mundo, a partir do seu coração obscurecido pela tristeza, conjurando os rostos que amou, as vozes do passado, e ocupando o vazio do *aqui* de onde escreve seus “livros”, todos eles cartas amorosas àqueles que partiram.

“Se eu conseguisse exprimir, sem ser nos livros, tudo o que tenho dentro, que mundo em chamas não seria, que nortada”<sup>259</sup>, escreve o cronista em uma de suas crônicas mais recentes. Seria um mundo de loucura e de delírio e violência, a doença da guerra; mas também seria um mundo de risadas alongadas nas tardes sem fim de Benfica, de impérios de açúcar e saltos por cima de prédios, e de escritores morenos e fortes, e espelhos de água e de algas e de ondas que falariam as verdades que as pessoas querem ouvir, e seus segredos; e seria um mundo de filhos que dizem sem vergonha aos pais o quanto amam eles, e pais que jamais censurariam os filhos por voarem velozes sobre o céu azul de Lisboa. E um mundo, principalmente, em que seu avô seria mortal, não mais um abraço eterno que nunca mais se repetiu a não ser na memória, e sim um avô mortal a proteger o menino, agora ele sim eterno, com seu carinho do hálito da floresta da sombra.

<sup>255</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crónica da pomba branca”. *Quarto livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 319.

<sup>256</sup> LOBO ANTUNES, António. “Crónica de Natal”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 231.

<sup>257</sup> LOBO ANTUNES, António. “Que cavalos são aqueles que fazem sombras no mar?” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 14.

<sup>258</sup> LOBO ANTUNES, António. “Onde o pobre escritor começa”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 226.

<sup>259</sup> LOBO ANTUNES, António. “Eu, em agosto”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 203.